



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16233 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

A DIMENSÃO EDUCATIVA DE OCUPAÇÕES ESTUDANTIS EM 2016: A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES NEGROS (AS) EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE RECIFE (PE)

Joao Carlos Nascimento da Silva - UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Cibele Maria Lima Rodrigues - Fundação Joaquim Nabuco

A DIMENSÃO EDUCATIVA DE OCUPAÇÕES ESTUDANTIS EM 2016:
A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES NEGROS (AS) EM UMA
ESCOLA ESTADUAL DE RECIFE (PE)

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como foco a dimensão educativa das ocupações estudantis, com ênfase na participação de alunos negros de uma escola estadual em Recife-PE. A análise abrangeu o contexto das mobilizações iniciadas em 2016, incluindo ocupações de escolas e universidades públicas em protesto contra a reforma do ensino médio sancionada pelo presidente Michel Temer, além de reivindicações por uma educação mais inclusiva e crítica.

Buscou-se compreender como o processo de ocupação das escolas influenciou a formação dos jovens, abordando as seguintes questões: "Como as ocupações estudantis influenciaram a formação pessoal e política dos estudantes negros e negras, e quais aprendizagens surgiram desse processo?" O objetivo foi entender como essas ocupações impactaram a formação dos estudantes, com foco

em questões étnico-raciais.

A pesquisa utilizou a abordagem qualitativa e foram realizadas em 2023 entrevistas com seis ex-alunos do Ensino Médio que participaram das ocupações. Além disso, foram analisados documentos e produções visuais. As entrevistas foram analisadas com base na técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016) e processadas no software NVIVO com a criação de categorias.

2 MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO: UM DEBATE EM CONSTRUÇÃO

O marco teórico da pesquisa estabelece como referência os estudos sobre movimentos sociais e educação com destaque para a juventude, como aponta Almeida et al. (2021) considerando a diversidade de contextos e processos sociais que os afetam.

Na literatura, os textos de Miguel Arroyo (2003, 2012) são a referência para o estudo dos movimentos sociais promotores de mudanças nas concepções pedagógicas e históricas da educação. Alguns elementos apontados por Maria da Glória Gohn (2003, 2011) argumentam na mesma direção quando apontam que os movimentos sociais contribuem para a formação da consciência política e a construção de um futuro coletivo. Para a pesquisa, uma referência importante foi a pesquisa de Nilma Gomes (2017) quando afirma que os movimentos sociais são “os produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade” (p. 16). A autora ainda destaca que o Movimento Negro tem um importante papel educador por produzir saberes emancipatórios bem como por sistematizar conhecimentos concernentes à questão racial no Brasil.

Sendo assim, Groppo (2008) e Camargo (2021) destacam a influência dos movimentos estudantis dos anos 1960 e de 1968, marcados por profundas transformações sociais e culturais. A juventude está presente em diversos movimentos, mesmo que não sejam específicos, como no caso do Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos e na resistência à ditadura militar no Brasil e em outros países

No caso específico do movimento estudantil, existe um histórico de participação no qual as ocupações de 2016 podem ser encaradas como um

capítulo importante dessa história. Nesse sentido, Almeida et al. (2021) enfatizam a diversidade das experiências juvenis e a importância das ocupações estudantis. Saab (2018) destaca essa mobilização estudantil como sendo importante espaço de construção de identidades e ativismos políticos e desafiou a ideia de desinteresse dos jovens pela escola e destaca como as ocupações

Nesse cenário, escolhemos analisar o protagonismo da juventude negra nas ocupações estudantis considerando o contexto de discriminação racial e racismo institucional. A partir da leitura de Nilma Gomes (2017), Grada Kilomba (2010, 2019) e Munanga (2020) pudemos realizar a análise das falas de jovens negros/as que fizeram parte desse momento histórico. Nesse debate incluímos também a discussão de Patrícia Collins (2020) sobre a interseccionalidade. Essa abordagem mostra como desafios como violência policial, racismo institucional e condições de vida precárias são agravados pela interseção de raça, classe e gênero, proporcionando uma visão mais aprofundada das dificuldades e potencialidades dessa juventude.

O conceito de interseccionalidade, conforme discutido por Collins (2020), é essencial para compreender como “raça, classe e gênero” interagem e influenciam as experiências dos indivíduos. Essa abordagem permite uma análise mais complexa das ocupações estudantis, mostrando como múltiplas dimensões de identidade e opressão se entrelaçam na experiência dos estudantes.

2.1 A PRODUÇÃO ACADÊMICAS E AS OCUPAÇÕES

O estudo de Costa e Groppo (2018) é uma referência para descrever o contexto das ocupações escolares no Brasil, incluindo as Jornadas de Junho e as reformas educacionais propostas pelo governo Temer. Nesse sentido, também fizemos um levantamento das dissertações e teses. Encontramos o trabalho de Camargo (2020) que examina a resistência às políticas de reorganização escolar em vários estados brasileiros, enquanto Leme (2018) compara o movimento estudantil de 2015-2016 com movimentos anteriores. Correia (2017) investiga a mobilização juvenil no Rio de Janeiro e Silva (2020) analisa a organização das escolas ocupadas. David (2019) e Silveira (2019) destacam a formação política e o protagonismo das mulheres nas ocupações.

O nosso estudo tem como lócus Recife-PE, considerando que, em

Pernambuco, as ocupações começaram em novembro de 2016, envolvendo 21 escolas, com destaque para a ocupação do Ginásio Pernambucano, como resposta significativa às políticas educacionais do governo Temer.

Durante as entrevistas, foram explorados diversos temas que enriqueceram a pesquisa, resultando na criação de categorias analíticas para compreender as aprendizagens emergentes das ocupações estudantis. Os resultados mostram que as ocupações estudantis tiveram um impacto significativo, promovendo mudanças pessoais e políticas, maior consciência sobre o racismo, e habilidades em organização e convivência social. Esses eventos foram fundamentais para o desenvolvimento do senso crítico e da identidade dos estudantes negros, tornando-os mais engajados e interessados em continuar os estudos após o ensino médio.

3. Aprendizagens e Processos de Identificação

Ao analisar as entrevistas, destacamos como as ocupações estudantis influenciaram a percepção dos estudantes sobre identidade, racial e política. Participar dessas ocupações fortaleceu a identidade dos jovens e os confrontou com questões de racismo e desigualdade.

O ambiente de debate intenso e experiências coletivas nas ocupações ofereceu aos estudantes uma oportunidade para refletir sobre suas próprias identidades e as relações de poder na sociedade e na escola. Essa experiência intensificou a consciência política dos participantes e destacou a relação entre identidade racial e engajamento político, proporcionando uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e raciais.

No que tange à identidade, as respostas revelam a diversidade das experiências pessoais e identitárias dos participantes, incluindo questões de raça, gênero e orientação sexual. Essa diversidade é importante para entender como as pessoas percebem e vivenciam suas identidades em diferentes contextos sociais e acadêmicos.

“me identifico como no feminino, tenho 23 anos de idade e sou coordenadora de projetos.” (ESTUDANTE A)

“eu tenho 24 anos e atualmente sou universitário do curso de Direito.” (ESTUDANTE B)

*"tenho 24 anos, sou bissexual, uma mulher bissexual, e no momento estou desempregada, tenho trabalhado só como freelance, sou uma mulher negra."
"O espaço sobre raça foi super importante. Ainda mais porque a grande parte dos alunos eram negros, né?" (ESTUDANTE C).*

*"tenho 23 anos, sou aqui natural de Recife, sou estudante de arquitetura urbanismo daqui da Universidade Federal de Pernambuco, considero-me homem preto, sou heterossexual, estou atualmente solteiro, não tenho filho."
(ESTUDANTE D).*

"atualmente eu tenho 24 Anos. É isso." "Eu sou heterossexual, cisgênero, homem. "Eu sou um sujeito negro." (ESTUDANTE E).

Os relatos dos estudantes oferecem uma visão detalhada sobre a diversidade de experiências e identidades, abrangendo questões de raça, gênero e orientação sexual. Esse panorama é crucial para entender como essas identidades são vivenciadas e afirmadas em diferentes contextos sociais e acadêmicos. Ao dialogar com a literatura existente, podemos conseguir analisar essas questões.

Os depoimentos refletem uma ampla gama de identidades de gênero e orientações sexuais. A Estudante C, por exemplo, declara: "tenho 24 anos, sou bissexual, uma mulher bissexual, e no momento estou desempregada." Sua experiência destaca a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, conforme enfatizado por Arroyo (2012 que observa a valorização dessas identidades no contexto educacional é fundamental para criar um ambiente inclusivo e representativo). O Estudante C também ressalta a relevância dos espaços de discussão sobre raça, mostrando a interseccionalidade entre gênero, orientação sexual e identidade racial.

A identidade racial é uma dimensão central nas experiências dos estudantes, como demonstrado pelos relatos dos Estudantes D e E. O Estudante D, ao se identificar como "homem preto", e o Estudante E, ao afirmar ser "um sujeito negro", refletem a importância da autoidentificação racial e o impacto desses posicionamentos na formação de suas identidades. Este fenômeno se aproxima da análise de Nilma Gomes (2023), que aborda a identidade negra como uma construção social, cultural e um posicionamento político que desafia as elites e os poderes estabelecidos, refletindo uma relação complexa com a própria identidade e com o outro.

Munanga (2023) complementa essa visão ao considerar a identidade negra como uma construção histórica e social, moldada pela escravidão e pela luta contra o racismo. Ele observa que os movimentos negros contemporâneos trabalham para afirmar a identidade negra, levando em conta a história e as condições sociais específicas do grupo. Isso ocorre com os relatos dos estudantes que expressam a importância dos espaços que discutem e valorizam a identidade negra, como o Estudante C mencionando a relevância dos debates sobre raça em um ambiente predominantemente negro, atravessado pelo racismo, mas que não era percebido. A partir das discussões realizadas na ocupação que foram percebendo o racismo, as desigualdades e as contradições da sociedade.

4. A Aprendizagem Política na Prática

Considerando as dimensões apontadas por Gohn (2011), identificamos como a participação em ocupações estudantis contribuiu para o desenvolvimento da consciência e do engajamento político dos estudantes. Nesta categoria, examinamos como as experiências vividas durante as ocupações ampliaram a compreensão dos jovens sobre questões políticas e sociais, influenciando sua capacidade de análise crítica e de ação política.

eu estava no meu primeiro ano ainda, eu não tinha uma ideia muito formada do que era política na minha cabeça e eu sinto que a partir da ocupação da escola eu passei a entrar mais nesse mundo, a pesquisar mais, a estudar sobre isso. (ESTUDANTE A).

A participação em ocupações estudantis revelou-se um catalisador significativo para o desenvolvimento da consciência política dos estudantes. Por meio de suas experiências, os jovens ampliam sua compreensão sobre questões políticas e sociais.

Eu, antes tinha uma opinião mais ingênua, vamos dizer assim. E a partir daquele momento eu comecei a acompanhar mais a história do país, a história política e social, econômica, enfim. De forma mais crítica, sem enxergar tantos mocinhos e vilões. (ESTUDANTE B).

Eu não sei, não posso dizer se foi uma particularidade da nossa ocupação,

mas a gente tinha pautas internas e pautas externas. As pautas externas eram as pautas das ocupações nacionais. A questão do fora-TEMER, contra a reforma do ensino médio, PEC de gastos, mas a gente também tinha questões internas. Exigências sobre melhorias estruturais e exigências, por exemplo, contra o diretor. (ESTUDANTE B).

Os estudantes também destacam a importância da participação ativa nas pautas políticas e sociais. O Estudante C, que já era politicamente engajado antes da ocupação, lembra: “Na época já era organizada politicamente... teve um ato de outros estudantes da universidade, e aí tinha alguns alunos lá da escola participando desse ato também.” A capacidade de mobilizar e participar de ações políticas é um reflexo da experiência prática adquirida durante as ocupações, corroborando a análise de Gohn (2011), que vê os movimentos sociais como fontes cruciais de aprendizado político e social.

Na verdade, tanto a PEC quanto a reforma do ensino médio apontavam para uma situação de precarização do ensino público, da saúde pública, eu acho que com o objetivo da privatização. Como eu defendo uma saúde e educação de qualidade, provida pelo Estado para todos os cidadãos, não era do meu interesse, pelo menos, que isso fosse em frente. Acho que era esse o motivo e o contexto pelo qual a gente se movimentou. (ESTUDANTE D).

O Estudante D explica suas motivações para o engajamento: “A PEC e a reforma do ensino médio apontavam para uma situação de precarização do ensino público... era esse o motivo e o contexto pelo qual a gente se movia.” Este relato revela a capacidade dos estudantes de relacionar suas ações políticas com questões estruturais e de longo prazo, refletindo uma compreensão mais profunda das implicações políticas e sociais.

Quando a gente vai saindo da escola, vai para a universidade, é um espaço, assim, elitista, né? É um espaço que, se você não for filho de um coronel, de alguém, ou você for coronel, é muito difícil você estar e permanecer naquele lugar de política. Então aquilo ali foi uma sala de aula para eu entender como a política se faz, né? Foi um lugar onde eu pude ter um pouquinho de participação política. (ESTUDANTE E).

Experiência educativa e participação política: a experiência das ocupações

proporcionou uma oportunidade única de aprendizado fora do ambiente formal escolar. o estudante e afirma: “foi um lugar onde eu pude ter um pouquinho de participação política.” este espaço de participação permite que os estudantes explorem e exerçam sua cidadania e engajamento político de formas que talvez não sejam possíveis no ambiente escolar tradicional.

O Estudante F observa: “a maioria dos alunos entendeu o contexto político nacional como uma grande marcha para redução de direitos e de possibilidades para as classes mais pobres.” Esse entendimento crítico das consequências das políticas públicas reflete a perspectiva de Freire (2005, 2013) da educação com o ato político.

Em síntese, as ocupações foram fundamentais no processo de construção e afirmação das identidades dos estudantes. Os relatos revelam como o ambiente de debate e a convivência com a diversidade racial, de gênero e de orientação sexual proporcionaram uma oportunidade única para que os jovens refletissem sobre suas próprias identidades e sobre as relações de poder na sociedade. A auto identificação racial, por exemplo, foi um aspecto central na formação das identidades dos estudantes, destacando a interseccionalidade entre raça, gênero e orientação sexual. Essa experiência coletiva não apenas fortaleceu as identidades pessoais, mas também contribuiu para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e da importância do engajamento político como forma de resistir a desigualdades e opressões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou a dimensão educativa das ocupações estudantis, em uma escola de Recife-PE, com foco na participação de estudantes negros. Essas ocupações proporcionaram um espaço significativo para engajamento e aprendizado, permitindo aos estudantes discutir questões raciais e sociais, fortalecer a consciência racial e desenvolver habilidades de liderança e organização. Conclui-se que as ocupações estudantis foram espaços de aprendizado e transformação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elmir, PINHEIRO, Leandro. **Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos: uma antologia do GT03 da ANPEd. 2021** DOI: 10.51795/978655869407 ISBN: 9786558694076.

ARROYO, Miguel. **Pedagogias em Movimento – o que temos a aprender dos Movimentos. Sociais?** In: Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun. 2003. ISBN: 1645-1384.

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

CAMARGO, Juliana Marques de Carvalho. **Luta e resistência: a importância de manter viva a memória de 1968.** Rev. Sociologias Plurais, v. 7, n. 1, p. 321-341, jan. 2021.

CAMARGO, Gerson Silva. **Movimento Estudantil no Ensino Médio: Ocupação das Escolas em 2015 e 2016.** 2020. [dissertação] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade** tradução Rane Souza. - 1º ed.- São Paulo: Boitempo, 2020.

CORRÊA, Patrícia Augusto. **#OCUPAESCOLA: Juventude e Mobilização no Rio de Janeiro.** 2017. [dissertação] Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) / Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação.

COSTA, A. A. F.; GROppo, L. A. **Movimento de ocupações estudantis no Brasil.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

DAVID, Franciele Maria. **Movimento das Ocupações Escolares: “O fazer Político dos Jovens Secundaristas” no Município de Francisco Beltrão - PR.** 2019. [dissertação] Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) / Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 5ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (Orgs.). **Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2023.

GOMES, Nilma Linóleo. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dois currículos**. Currículos sem fronteiras , você. 12, n. 1, 2012, pág. 98-109.

GOHN, Maria Glória. **Movimentos sociais e educação**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na contemporaneidade**. In: Revista Brasileira de Educação, v.16, n. 47, maio-ago. 2011.

GROPPO, Luís Antônio. **1968: retratos da revolta estudantil no Brasil e no mundo**. Piracicaba, Biscalchin, 2008.

KILOMBA, Grada. **"The Mask."** In: PLANTATION MEMORIES: EPISODES OF EVERYDAY RACISM. 2. ed. Münster: Unrast Verlag, 2010.

LEME, Renata Bento. **Movimento Estudantil Secundarista como resistência às Políticas Educacionais Neoconservadoras: As Ocupações de Escolas Públicas nos Estados de São Paulo, Goiás e Paraná (2015-2016)**. 2018. [dissertação] Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Programa de Pós-Graduação em Educação.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2. ed. São. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

MUNANGA, Kabengele. **As ambiguidades do racismo à brasileira**. O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. Tradução. São Paulo: Perspectiva,

2020.

SAAB, Tiago Bueno. **A Pobreza e o Currículo: Permanências e Ausências nos Documentos Oficiais de Geografia**. Rev. Ens. Educ. Cienc. Human. Londrina, v. 19, n.3, p. 371-378, 2018.

SILVA, Nicolas Brandão Moreira da. **Juventude, Movimento estudantil, Educação Pública, Ensino Médio, Ocupações, Resistência Política**. 2020. [dissertação] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade.

SILVEIRA, Isabela Batista. **“Lute como uma Menina”**: Gênero e Processos de formação na experiência das ocupações das secundaristas. 2019. [dissertação] Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL - MG). Programa de Pós-Graduação em Educação.
